A literatura em tempos midiáticos– uma análise a partir da obra “O show do eu”¹

*La literatura en tiempos midiáticos- un análisis a partir de la obra “O
show do eu”*

Literature in media times - an analysis from the book “O show do eu”

Claudia Regina Camargo²

Resumo

Este documento faz uma análise crítica à criação da autoimagem no mundo virtual, a partir do livro *O show do Eu – A intimidade como espetáculo*, de Paula Sibilia, que vai permeando o assunto através de um paralelo com temas dos textos do filósofo alemão Walter Benjamin, especialmente em *O Narrador* e *A Pobreza de Experiência*, mostrando como as faces do espetáculo enredadas pelo mercado, numa visão da obra *A sociedade do Espetáculo* de Debord, são extremamente atuais. Sibilia faz muitas referências a Benjamin em suas análises e trata da atual exposição das pessoas nesses tempos midiáticos, das escritas de si, das autobiografias no universo digital e como o autor ganhou status de celebridade, superior ao da obra. Traçaremos um olhar partindo desta crítica e postulando possibilidades atuais que corroboram ou não com a análise da autora.

Palavras-Chave: Redes Sociais; Escritas de si; Autobiografia; Autor / Leitor; Narrativas.

Resumen

Este artículo hace un análisis crítico de la creación de la autoimagen en el mundo virtual, a partir del libro *O Show do Eu – A intimidade como espetáculo*, de Paula Sibilia, que impregna el tema a través de un paralelo con los temas de los textos del filósofo alemán Walter Benjamin, especialmente en *El narrador* y *La pobreza de experiencia*, que muestran cómo las caras del espectáculo enredadas por el mercado, en opinión de *La sociedad del espectáculo* de Debord, son extremadamente actuales. Sibilia hace muchas referencias a Benjamin en sus análisis y trata con la exposición actual de las personas en los tiempos de los medios, los escritos de sí mismo, las autobiografías en el universo digital y cómo el autor ha obtenido el estatus de celebridad, superior al de la obra. Echaremos un vistazo a esta crítica y postularemos las posibilidades actuales que corroboran o no con el análisis del autor.

Palabras clave: Redes sociales; Escritos de ellos mismos; Autobiografía; Autor / lector; Narrativas

Abstract

¹Artigo apresentado no I Congresso Internacional On-line de Estudos sobre Culturas, na modalidade on-line, 2019.

² Mestranda em Teoria Literária pela UNIANDRADE; Curitiba, Paraná, Brasil; camargo.claudiaregina@gmail.com

This paper makes a critical analysis of the creation of self-image in the virtual world, from the book *O Show do Eu – A intimidade como espetáculo*, by Paula Sibília, which permeates the subject through a parallel with themes of the texts of the German philosopher Walter Benjamin, especially in *The Narrator* and *The Poverty of Experience*, showing how the faces of the show entangled by the market, in a view of Debord's *Society of the Spectacle*, are extremely current. Sibília makes many references to Benjamin in his analyzes and deals with the current exposure of people in media times, the writings of himself, autobiographies in the digital universe, and how the author has gained celebrity status, superior to that of the work. We will draw a look from this critique and postulating current possibilities that corroborate or not with the author's analysis.

Keywords: Social Networks; Writings of themselves; Autobiography; Author / Reader; Narratives

1. Introdução

Sibília inicia sua análise partindo da premissa de que as mudanças socioculturais exercem pressão na subjetividade e alteram os processos de sermos quem somos, já que a conformação elástica das personalidades muda ao ritmo das mudanças das tradições culturais, demonstrando que as pessoas são também o produto de uma tradição cultural, das interações com os outros e com o mundo. Mostra como fomos atropelados no século passado por uma onda alienante através dos meios de comunicação em massa (tipo TV e rádio), e que nosso século trouxe com muito mais velocidade o fenômeno dos computadores interligados pela internet, e junto muitas mudanças ao redor do planeta. Se a TV era unilateral na produção dos seus conteúdos, não podemos dizer o mesmo da rede. A revolução da Web 2.0 transformou os usuários em co-desenvolvedores, compartilhando ideias e informações, criando uma grande demanda de autosserviço.

As comunidades e redes sociais tornaram-se um universo múltiplo, onde qualquer informação ou conteúdo pode transitar, sofrendo mudanças diárias e tomando cada vez mais espaço na vida de praticamente toda a população do planeta.

A autora de *O show do eu* mostra como as novas tecnologias são amarradas ao mercado, numa relação incestuosa, em suas palavras. Ninguém tem dúvidas quanto a esses tentáculos que nos amarram entre nossas preferências na web e o que consumimos em termos de propaganda oferecida pelos diversos aplicativos que utilizamos. Quando fazemos uma busca na web, qualquer que seja, em seguida as redes sociais, email e mecanismos de buscas estarão repletos de propagandas que dizem respeito ao objeto procurado. As tecnologias eletrônicas e digitais, o “novo monstro” designadas ironicamente por Deleuze, como “sociedades de controle” (DELEUZE, 1990, p.220), altamente estimuladas pelo marketing e

publicidade, além do capital, representadas aqui pela web, exercem uma forte influência nos usuários de todas as idades.

Sibília demonstra também que as escritas, antes íntimas, que buscavam a interiorização, hoje fogem para fora do ser, para a exposição, para o espetáculo. Exposição que não se observa apenas no ambiente virtual (nas diversas redes sociais), mas também nos reality shows, nas biografias e autobiografias de celebridades instantâneas (e que especialmente atualmente, não tem mais de 20 anos), exposição alimentada pela curiosidade alheia, pela nossa curiosidade, que não suporta não conhecer o autor, personagem que passou também a fazer parte do espetáculo (fato explícito quando vemos o sucesso que fazem nas feiras literárias). Como nos diz FOUCAULT (1992, P.70) “o anonimato literário não nos é mais suportável, apenas o aceitamos a título de enigma”.

Contudo, a proposta é que observemos os espaços da web como novos espaços de expressão, de convite a escrita, de vitrine para escritores profissionais e amadores. A velocidade dos novos tempos e a possibilidade que quase todas as pessoas têm de dispor de um dispositivo portátil (tablet e celular) que facilitam a leitura e escrita, mudam o cenário que até pouco tempo era dominado pelo mercado editorial, tornando a possibilidade de escrever e ser lido, uma tarefa mais democrática e participativa. Mas, ao mesmo tempo em que a *web* oferece esse espaço democrático para a escrita, seja de opiniões, narrativas cotidianas e inclusive textos que expressam subjetividade e emoção, servem também para a manifestação da cultura de massa. Uma literatura que longe de ser arte, oferece o que o mercado procura, sendo um produto da indústria cultural, antes presente apenas na mídia de massa, agora também no ambiente virtual.

2. O show do eu

Benjamin (1986) tecia críticas ao romance dizendo ser o indício da evolução que culminaria com a morte da narrativa. Os tempos modernos teriam aniquilado o hábito de contar histórias, além do prazer de escutá-las. Esta morte da narrativa derivava da morte da experiência, das mudanças trazidas com a modernidade, uma enxurrada de informações que não podiam ser captadas pelas memórias, extinguindo as possibilidades de reflexão do mundo, criando um distanciamento com as próprias vivências e impossibilidades de transformá-las em experiência. A narrativa era uma arte entrelaçada às atividades artesanais

do estilo de vida rural, arte que exigia uma entrega total no contar e no ouvir, pois contar histórias significava compartilhar coletivamente as experiências. O modo de vida pós-moderno, que traz consigo o espaço privado e os romances, fazem com que o isolamento e a solidão façam agora parte da vida desse novo ser. Abandonou-se a oralidade pelas histórias impressas. Benjamin (1986, p. 201) diz: “O romancista segrega-se”. “A origem do romance é o indivíduo isolado que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações e que não recebe conselhos e nem sabe dá-los.”

O nascimento das short story anunciada em 1936 pelo filósofo alemão, nos alertava sobre o declínio do artesanato e nascimento das narrativas breves. “Já passou o tempo, em que o tempo não contava”. “O homem moderno não cultiva o que não pode ser abreviado” (ibidem, p. 206). O filósofo se referia aquele trabalho em camadas e que exigia lentidão e donde nasciam as narrativas perfeitas, coroando o dia, após narrações sucessivas. O que ele diria se se deparasse com as nano narrativas, ou nano blogs (ou microblogs), como é o caso do Twitter, onde a mensagem não ultrapassa os 140 caracteres? Com certeza essa nanonização está ligada a agitação dos dias atuais, onde leituras e escritas longas não tem espaço, “os relatos de si tornam-se instantâneos, presentes, breves e explícitos” (SIBILIA, 2008, p. 137). Uma transformação que não está ligada somente ao tempo ou ao tamanho de relatos, mas em uma “informatização da experiência”, onde é possível deletar tudo o que não mereça ficar na memória. As ferramentas digitais possibilitam métodos mais eficazes que o antigo ditado “página virada” (ibidem, p. 139), mas são capazes também de construir ou destruir nações.

Sibilia (2008) fala da função autor e o culto feito a esse que virou uma personalidade. Atualmente esses “personagens” se parecem mais com a figura do autor/artista do que do narrador/artesão. Remontando à Idade Média notamos que muitas obras são anônimas, já que o importante era o objeto criado e não seu autor. O artista daquela época também era um artesão, já que devia ter a capacidade de reproduzir algum objeto e não exprimir alguma subjetividade. Essa imitação não era um defeito, mas uma habilidade na atividade do artista. Para Benjamin, justamente esse “valor ritual” é que transformava essa obra especial e não seu “valor de exposição”. Era mais importante que existissem do que fossem contempladas. Essa transformação da função-autor, termo cunhado por Foucault, trouxe também o valor dado a uma obra, “o sentido que lhes conferimos, o estatuto ou valor que lhe reconhecemos”

dependerá de “onde é que veio, quem o escreveu, em que data, em que circunstância ou a partir de qual projeto” explica Foucault. Essa afirmação continua valendo ainda, nas obras consagradas pela mídia e pelo mercado.

Debord (1992, p.18) nos diz que o espetáculo é o oposto do diálogo. Mas quem ousaria duvidar que nossa vida tornou-se um espetáculo, que transformou a forma com que nos relacionamos e, inclusive, a organização do mundo, que agora é imagética. “É capital em um grau tal de acumulação que se transforma em imagem.” (ibidem, p. 27). Essa imposição de um regime audiovisual tirânico na sua capacidade de silenciar lacunas com possibilidades de sentido, embora de aparência alegre e colorida. Nem Debord nem Benjamin poderiam ter imaginado o que vivemos hoje.

Já as escritas de si, biográficas, aquelas em que autor, narrador e personagem são a mesma pessoa, tem aumentado, não somente nas redes sociais, mas nos mais diversos meios e suportes. A “fome de realidade” tem feito com que esses relatos proliferem, e não somente as vidas heróicas sejam retratadas, mas principalmente as vidas comuns tenham espaço neste gênero de não-ficção, fazendo com que haja um declínio da cultura letrada, dos grandes romances clássicos, ao mesmo tempo que avança a sociedade do espetáculo e da civilização da imagem (SIBILIA, 2008, p. 34).

Considerando este cenário, Sibilía propõe a seguinte questão: Qual seria a viabilidade de um diário íntimo no contexto atual? Ela responde que embora seja tentada a responder que não haja nenhuma chance para o diário íntimo, a explosão de blogs, biografias e autobiografias desmentiria essa rápida conclusão. *Fotologs* e *blogs* confessionais estão aí para funcionar um pouco como aquela antiga ferramenta romântica com o intuito de reter o tempo e preservar a todo custo as memórias valiosas que tendem a escapar no frenesi do dia-a-dia. No entanto, não carregam mais a marca daquela escrita íntima. Não é voltada apenas para o registro. É uma escrita que quer ser vista, lida, exposta. Portanto, ela sugere um novo adjetivo: éxtimo. Sobre esses diários éxtimos, nos diz Sibilía (2008, p. 136):

(...) ocorre como se em cada post fotografassem um momento de suas vidas, para afixá-lo nesta imensa janela virtual de alcance global que é a internet. São produzidas assim, infinitas cápsulas de tempo congelado e parado, faíscas do próprio presente sempre presentificado, fotografado em palavra e exposto para que todo o mundo possa olhar.

Os autores-narradores dos novos gêneros confessionais da internet criam e recriam incessantemente sua própria personalidade no espaço interativo. Riesman, sociólogo americano que estudou a crescente relevância do consumo e dos meios de comunicação em massa como vetores fundamentais das articulações dos processos de modernização e urbanização no final do século XIX até meados do século XX, fala que esse tipo de personalidade criada é alterdirigida, ou orientada para e pelos outros, diferente daquele dos romances, que era introdirigida para dentro de si mesmo, um tipo de subjetividade diferente de outros contextos históricos. Esse modo de vida privilegiado pelo capitalismo propiciou desenvolvimento de habilidades de autovendação ou autopromoção dos indivíduos. Explica que “os americanos sempre procuraram uma opinião favorável, e sempre tiveram que procurá-la em um mercado instável, no qual as cotações do *eu* poderiam variar, sem a restrição de preços de um sistema de castas ou de uma aristocracia.” (RIESMAN, citado em SIBILIA, 2008, p.234, grifo no original).

Considerando as obras autobiográficas disponíveis na internet, Sibilía conclui que não é a obra em si que legitima sua existência, mas sim os comentários, a participação do leitor, já que os autores precisam desse apoio, e não suas obras (objetos criados), pois a criação é do personagem que precisa de legitimação. Pela definição de Guy Debord, esse gênero autobiográfico seria uma perfeita forma de espetáculo: “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediadas por imagens.” (DEBORD, 1992, p. 14).

3. Literatura em tempos midiáticos

Precisamos, a princípio, contextualizar o panorama atual das redes sociais atuais (são muitas, entre as mais renomadas citamos *Instagram, LinkedIn, Pinterest, Youtube, Whatsapp, Reddit, Tumblr, Twitter, Snapchat, Skipe*, sendo o número superior a cinquenta entre as mais populares) que entre todas as suas possibilidades, funcionam também como uma válvula de escape para as pressões diárias. Tornaram-se na atualidade um mecanismo de disseminação de informação muito útil, e perigoso, derrubando ou elegendo governos, disseminando polêmicas e mentiras (fake news) e transformando a realidade em que vivemos numa literal “guerra de

informações”, onde saber buscar a veracidade tornou-se uma habilidade muito importante e necessária.

Nessas redes sociais, as narrativas são cada vez mais audiovisuais — no *Instagram*, *Youtube*, *Facebook*, e em outras existentes ou a existir num futuro breve — sendo esse um caminho sem volta. Basta ver o número de milionários que a rede social *Youtube* tem feito. Jovens, que antes dos 30 anos e com uma legião de seguidores que ultrapassa o número do bilhão, ganham quantias superiores a 30 milhões de reais por ano, numa profissão que se convencionou chamar *youtuber* ou produtor de vídeos do *Youtube*, demonstrando que esse tipo de narrativa tem demanda de público de todas as idades. Retomamos aqui a ideia de Sibilia sobre o autor-artista, ou seja, o autor que é mais importante do que sua criação, já que a figura carismática atrai mais público que a qualidade, muitas vezes questionável, do conteúdo produzido.

Nesta linha, abordamos a questão das biografias e autobiografias que, segundo o site PublishNews³, que trás uma lista dos livros mais vendidos em 2018 no Brasil, em nono lugar está uma biografia de um *youtuber* ídolo das crianças e jovens: Felipe Neto. Isso ilustra como essa fome de realidade tem sido alimentada não somente nos adultos, mas em todas as idades. Aliás, os jovens sempre foram alvo da Indústria Cultural, que segundo Morin (1997) tende a homogeneizar tudo, atenuando as barreiras entre as idades, fixando-se justamente no público juvenil, sendo essa temática um elemento fundamental da cultura de massa

Observamos, no entanto, que além desses textos pessoais (e por textos devemos entender também as autoimagens ou vídeos), as escritas de si na internet postadas nos perfis das redes sociais, em tom muito coloquial e por vezes numa linguagem tão peculiar que é preciso um conhecimento prévio de certos vocábulos e abreviações, a *web 2.0* oferece espaços muito interessantes e democráticos para que a literatura possa se expressar, propiciando para qualquer pessoa poder tornar-se virtualmente, produtor de cultura, já que a Internet está repleta de ambientes disponíveis para esses escritores independentes, sejam ou não qualificados, dividindo espaço entre adolescentes pouco letrados, e, inclusive, escritores consagrados pela mídia. Destacamos as plataformas de autopublicação, ambiente virtual que permite a qualquer pessoa a autopublicação em formato digital dos seus livros e textos originais, e a comercialização nas principais lojas *on-line* de todo o mundo. Alguns exemplos

³ <https://www.publishnews.com.br/ranking/anual/0/2018/0/0>

são: *Kindle Direct Publishing* (da Amazon), *Bokess*, *Escrytos*, Clube de Autores, *Livrorama*, *Perse*, *e-Galaxia*, *Publique-se* (da Saraiva), entre outros.

Outros exemplos são os aplicativos que podem ser acessados via desktop ou dispositivos móveis: *Sweek*, *Inkspired*, *Xinxii*, *KoboWriting Life* e *Wattpad*, entre outros. Destaque aqui para a *Wattpad*, que é a plataforma mais conhecida deste gênero de compartilhamento, e a partir da qual vários autores já conseguiram espaço no mercado editorial, nacional e mundial.

Há ainda *sites* dedicados exclusivamente a textos no estilo *fanfiction*: *Spirit Fanfics*, *Niah Fanfics*, *Fanfic Obsession*, *ArchiveofOwn* (Arquivo Próprio) *AO3*, *Commaful*, *Fanfiction.net*, *Quotev.com*, *DevianArt* (este com ilustrações de fã belíssimas), *Univision*, *McFly Fanfics ArmyBr*, *Fanfic'sUniversity*, entre outros. As *fanfictions* são histórias criadas a partir das paixões dos fãs:

O termo *fanfiction* (por vezes, estilizado como *fanfic* ou apenas *fic*) vem do inglês e é traduzido literalmente como “ficção de fã”. Esses fãs, denominados de *ficwriters* (escritores de *fic*), escrevem histórias sem caráter comercial ou lucrativo, geralmente a partir de tramas ou situações preexistentes, e as publicam em plataformas *on-line* de leitura ou mesmo em suas próprias redes sociais. Para Rodrigo Lessa, pesquisador de narrativas transmídias e Doutor e Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), o que leva alguém a ler e/ou escrever uma *fanfiction* é o prazer da leitura e a satisfação em ver seus personagens queridos em novas aventuras, diferentes daquelas vistas nos produtos midiáticos. (BALDESSAR, 2018, não paginado, ênfases no original)

Não poderíamos deixar de fora alguns *sites* dedicados à postagem de textos. O Recanto das Letras⁴ tem números que impressionam. Mais de 2 milhões de poemas, em torno de 200 mil contos, 3 mil novelas (dados retirados do próprio site), só para citar alguns dos diversos itens lá encontrados. Há ainda outros textos, como ensaios, cartas, áudios, músicas, etc. Outros *sites* desse tipo são: *Autores.com.br*⁵, *Mesa do editor*⁶, entre outros.

O que se pretende destacar neste estudo é que, embora as redes sociais sirvam muito ao propósito de auto-exposição, ou objetivos outros, como os mercantis (propagandas

⁴<https://www.recantodasletras.com.br/>

⁵ <https://www.autores.com.br/>

⁶ <http://www.mesadoeditor.com/>

direcionadas) como bem demonstrados pela autora Paula Sibilia, ou ainda, disseminação de polêmicas ou fake news, sua popularidade e alcance serve também a propósitos muito interessantes para expressão da subjetividade de seus usuários. Mesmo os perfis pessoais podem ser considerados *fotologs* (narrativas em forma de imagens) e *blog* confessional, aonde o usuário vai relatando sua vida cotidiana, como um diário.

Abordando agora especificamente o *Facebook*, não os perfis pessoais, mas as páginas dedicadas à escrita livre, uma pesquisa foi realizada nesta plataforma sobre páginas dedicadas a esses escritos (contos, poemas, pensamentos, crônicas, etc.). Os resultados apresentaram números muito expressivos, conforme está demonstrado no quadro 1.

Quadro 1 — Páginas dedicadas à postagem de textos autorais.

Páginas	Curtidas
A soma de todos os afetos ⁷	2.500.000
Precisava escrever	635.000
Prosa, verso e arte	532.000
Filosofia e Literatura	353.000
Passarinhos no telhado	326.000
Escrevendo Poesias	236.000
Escrevendo e semeando	140.000
Escrivinhadeira	127.000
Pensamentos soltos	113.000
Meus rabiscos	110.000
Pra você	60.000
Escritores Poetas	37.000
Crônicas de um ano inteiro	26.000
Luz das palavras	25.000
Reticências Poéticas	22.000
Caderno de Poesia	21.000
Ressaca de palavras	18.000
Fanfics	140.000
Fanfictions	140.000

Fonte: Pesquisa realizada no *Facebook*, em maio de 2019, pela autora deste artigo.

Dentre as comunidades de compartilhamento de textos, a mais conhecida e usada no mundo é a *Wattpad*, que foi criada visando primeiramente um programa de leitura móvel

⁷ No *Facebook*, a página “A soma de todos os afetos” é da escritora Fabíola Simões, que possui um blog homônimo, para postar seus próprios textos, e de outros escritores convidados.

(telefones celulares). Depois foi desenvolvido um *website*, no qual os usuários podiam compartilhar conteúdos (ARRUDA; SILVA; ANDRADE, 2014). É uma grande vitrine para novos escritores, sendo hoje a comunidade *on-line* de escritores e leitores mais popular do mundo, com mais de 70 milhões de usuários e em torno de 600 milhões de histórias, segundo o *site* espanhol *PublishNews* (HERRERO, 2019). Segundo o próprio aplicativo, 70% de seus usuários são mulheres e 80% são da geração *millenials* ou Z (nativos digitais – extremamente conectados).

Quando Paula Sibilia fala das nanonarrativas e cita a rede social Twitter com seus 140 caracteres, a reflexão que se deve fazer é se isto pode ser considerado uma nanonarrativa. Fabiana Bazilio Farias (2017), fazendo uma análise sobre microficção e microcontos, nos diz que:

A narrativa do século XXI evidencia uma inclinação para este formato breve como maneira de criar similaridade com a velocidade da informação. Atualmente, essa inclinação apresenta afinidade com as novas formas de interação promovidas pela internet e ela aparece como um dos formatos usuais de relato das “escritas de si” na rede. (FARIAS, 2017, p. 1303)

Portanto, é o tempo moderno, a velocidade do cotidiano, que tem sugerido, especialmente às novas gerações — dos nativos digitais — este novo estilo de escrita. Abreviam-se os pensamentos, abreviam-se as palavras, quase numa nova linguagem, onde os que não são letrados nela podem sentir-se verdadeiros analfabetos — analfabetos digitais.

Neste universo da literatura digital, seja nas plataformas de autopublicação, seja nas páginas ou perfis do *Facebook*, vídeos do *Youtube* ou outros tipos de narrativas disponíveis na *Web 2.0*, o leitor toma a forma de legitimador dessas narrativas, a partir do que curtem ou de seus comentários que muitas vezes influenciam o processo criativo desse novo autor.

3. Conclusões

Percebemos pela análise de Paula Sibilia que é necessário uma reflexão sobre essa super exposição, especialmente nos ambientes da *web 2.0*. Essa reflexão passa não somente por aquele que se expõe, mas também pelos que apreciam o espetáculo, cuja curiosidade pelo fútil e medíocre é tamanha que faz com que detalhes da vida do autor majorem o valor da

obra. Uma citação de Debord pode ilustrar de forma interessante essa ideia: "À medida que a necessidade se encontra socialmente sonhada, o sonho torna-se necessário. O espetáculo é o mau sonho da sociedade acorrentada, que finalmente não exprime senão o seu desejo de dormir. O espetáculo é o guardião deste sono" (DEBORD, 1992, p. 20).

Importante acrescentar como Sibilia, embora citando redes sociais bem temporais, inclusive algumas já inexistentes, usa termos que são atemporais para descrever essa exposição: instantaneidade, morte, solidão, silêncio, memória, espetáculo, aparência, etc. Notamos ainda que essa apreciação pelo espetáculo já foi tratada há décadas atrás por Guy Debord (1992) cuja análise demonstra que o espetáculo se sobrepõe à vida real.

No entanto, precisamos estar atentos para não fazer um julgamento discriminatório do ambiente *web*. Quando analisamos as redes sociais, elas podem propiciar interessantes espaços de compartilhamento, de subjetividade, de escrita íntima, de bons textos. Se até pouco tempo atrás se discutia se esses textos poderiam ser considerados uma nova literatura, hoje já se questiona o que define um gênero literário ou uma obra canônica. Citando Todorov (1988): "Quem ousaria hoje decidir entre o que é literatura e o que não o é, diante da irreduzível variedade dos escritos que se lhe costuma incorporar, sob perspectivas infinitamente diferentes?"

Não podemos olhar com os olhos preconceituosos de que nada vale, mas com a garra de um garimpeiro que busca um tesouro, e pode ou não o encontrar. É certo que o garimpeiro não encontra tesouros todos os dias. E assim também nós encontraremos muita coisa sem valor antes de encontrar uma boa narrativa por esses caminhos da *web*. Mas elas existem. E estão ao alcance de todos que se furtem de apenas adentrar na intimidade alheia. É necessário que mais pesquisas e estudos se voltem a esse universo digital, de forma a romper com as amarras de alguns conceitos de literariedade e avançar em novas perspectivas e anseios de novos leitores e autores.

Referências

ARRUDA, A. M. A.;SILVA,C. de O.;ANDRADE, R. de L. de V. Referência de fonte eletrônica. Aplicativo de autopublicação: O Wattpad. Disponível em: <http://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/1596>. Acesso em: 25 mai. 2019.

BALDESSAR, A. Fanfiction, a ferramenta de leitura e escrita do futuro. Disponível em: <http://portaldonic.com.br/jornalismo/2018/05/14/fanfiction-a-ferramenta-de-leitura-e-escrita-do-futuro/>. Acesso em 14 maio 2019.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. v.1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Experiência e pobreza*. In: op. cit., p.114-9.

_____. *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica*. In: op. cit., p. 184.

_____. *O narrador*. In: op. cit., p. 206.

DEBORD, G. *Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1992

DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*. In: Conversações. São Paulo: Ed. 34,1990, p. 220

FARIAS, Fabiana Bazilio . *Forma e brevidade: reflexões sobre a microficção na Literatura Brasileira*. In: XV Congresso Internacional da ABRALIC, 2017, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos do XV Congresso Internacional da ABRALIC - 07 a 11 de agosto de 2017, 2017. v. 1. p. 1296-1306.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Vega-Passa-gens, 1992, p. 70

HERRERO, L. Referência de fonte eletrônica. Más de 500 millones de historias en manos de la nueva editorial Wattpad Books. Publishnews, Madrid, seção Mercado. Disponível em: <https://www.publishnews.es/materias/2019/01/29/mas-de-500-millones-de-historias-en-manos-de-la-nueva-editorial-wattpad-books>. Acesso em: 27 mai. 2019.

MORIN, E. *Cultura de massas no século XX: neurose*. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1997.

SIBILIA, Paula. *O Show do Eu –A intimidade como espetáculo*.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TODOROV, T. *Os gêneros do discurso*. Trad. de Elisa Angoti Kossovitch. São Paulo: Martins Fontes, 1988.